

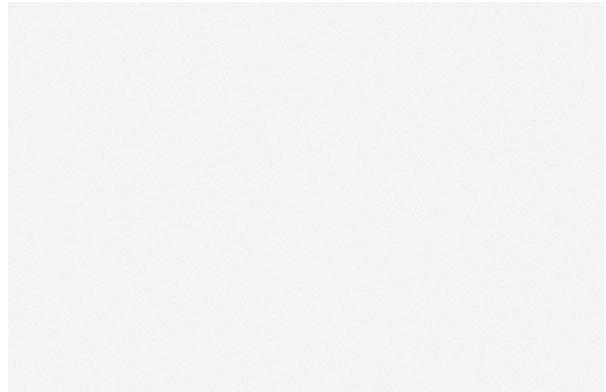
# O CORPO, A SEXUALIDADE E O ERÓTICO NA OBRA DE JÚLIO POMAR

visualização de correspondências entre obra literária e obra pictórica

## SALOMÉ\_POMAR\_txt\_1

Desenhar ou escrever consiste em dar forma ao que se sente.

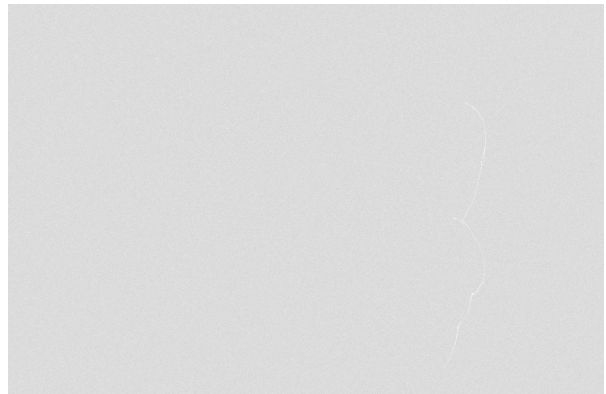
## SP\_00\_B



## SALOMÉ\_POMAR\_txt\_2

A imagem e a palavra conservam as suas possibilidades de sentido, independentemente do facto segundo que a sua inserção no discurso constitui.

## SP\_01\_B



## SALOMÉ\_POMAR\_txt\_3

A imagem é enganadora; e esta qualidade é, ao mesmo tempo, a sua razão de ser. A imagem, presa na armadilha pelo quadro, enxerta no inerte o que dança nos espelhos.

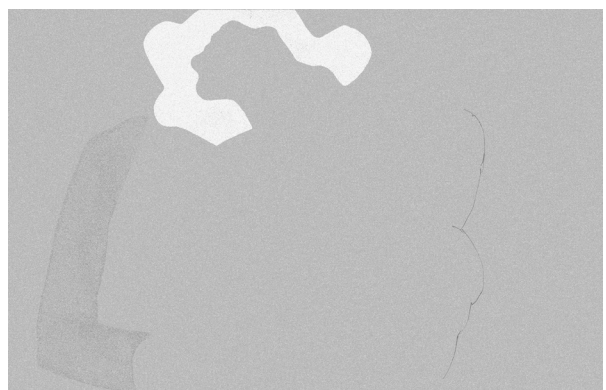
## SP\_02\_B



## SALOMÉ\_POMAR\_txt\_4

Cabeças cortadas pelo bordo do quadro era a recusa de ser contido por, o querer rebentar com, era o querer passar além dos limites, era o já não poder mais.

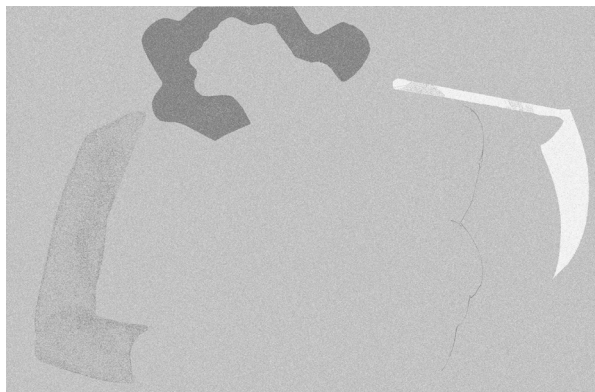
## SP\_03\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_5

A terra está estafada. Falta-lhe seiva.  
Os frutos saem choccos. Por quanto tempo  
perdurará ainda a seca?

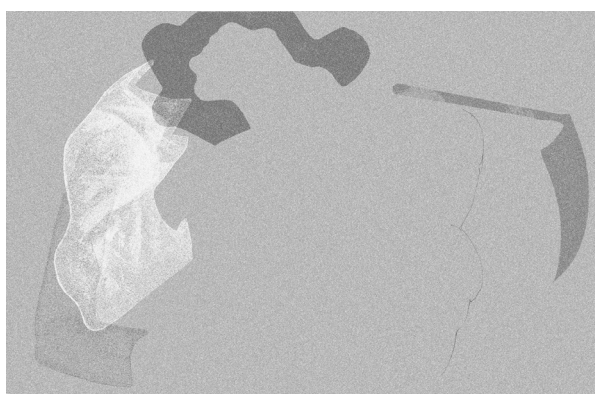
### SP\_04\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_6

Obrigado, amor, por tudo quanto  
no minuto mais pequeno avolumas  
e tornas vertical face à tristeza  
das coisas que a si próprias se assassnam.

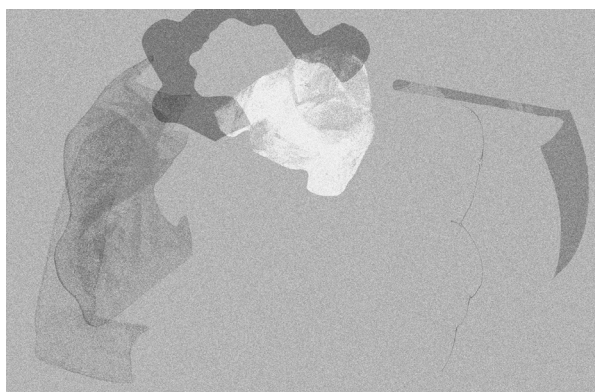
### SP\_05\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_7

O artista exprime, realiza o que nos homens  
está latente - reacções, aspirações, o seu  
combate e a sua vontade.  
Torna a realidade inteligível ao homem.

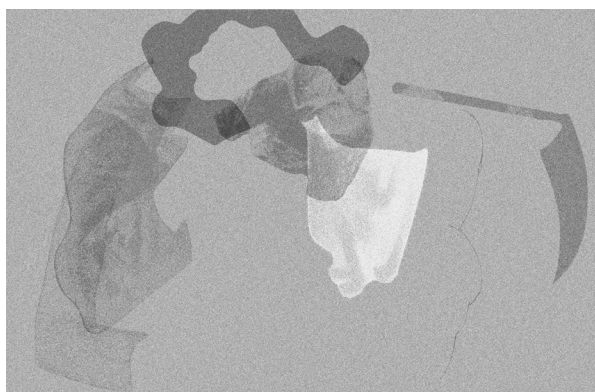
### SP\_06\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_8

Porque estão imóveis, petrificadas, como se a  
visão da catástrofe as tornasse estátuas, cor-  
tando a respiração, o correr do sangue, e lhes  
imobilizasse as feições num esgar de espanto?

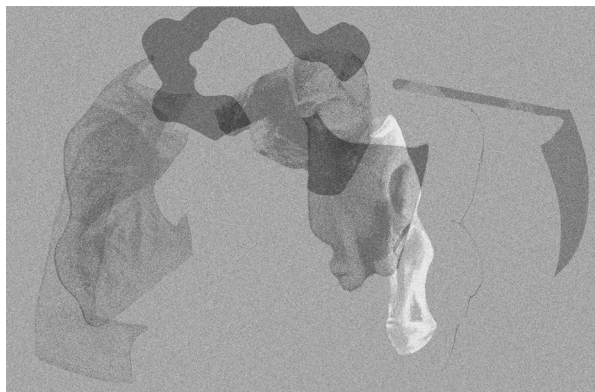
### SP\_07\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_9

O assunto não é o conteúdo, é um pretexto, e mais nada.  
Os conteúdos das minhas telas são "as razões que me ajudam a viver".

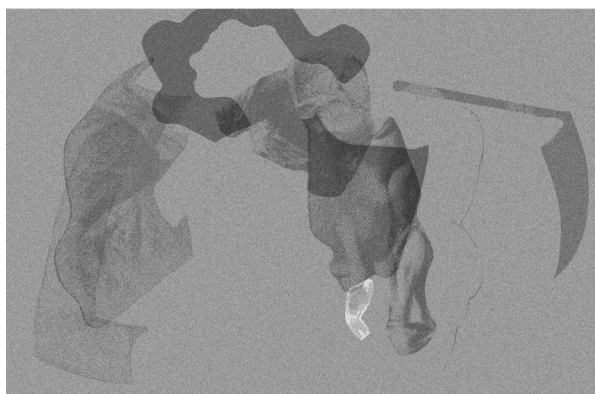
### SP\_08\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_10

Cada vulto que surge tem de andar sozinho desde o princípio do mundo.

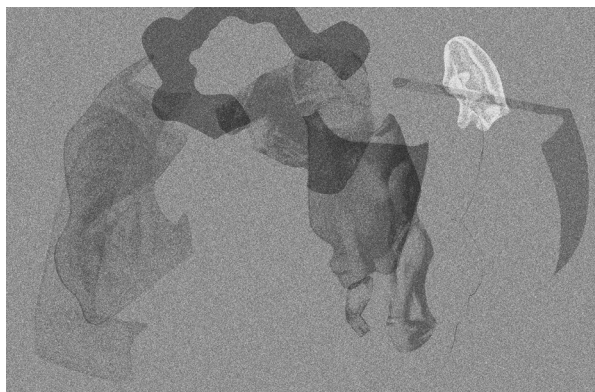
### SP\_09\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_11

O assunto da pintura não era político, era uma festa popular, era o S. João.  
A PIDE prendeu-me antes de o mural estar pronto.

### SP\_10\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_12

Tu falas. Tens tanta necessidade de falar, que se acaso to proibissem totalmente, totalmente perderias a feição de homem.

### SP\_11\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_13

Toda a cor tem um traço e todo o traço é uma cor.

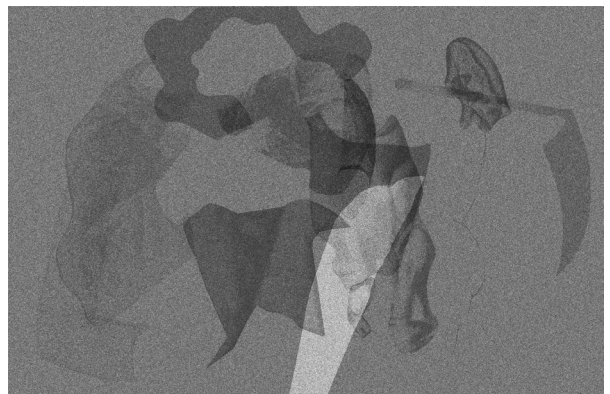
### SP\_12\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_14

Gosto das formas que se tornam outras.

### SP\_13\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_15

O corpo, o aspecto, a forma de aparecer, de parecer, de parecer ser: tão particularizados como as feições do rosto – essa tradicional identidade do imediato.

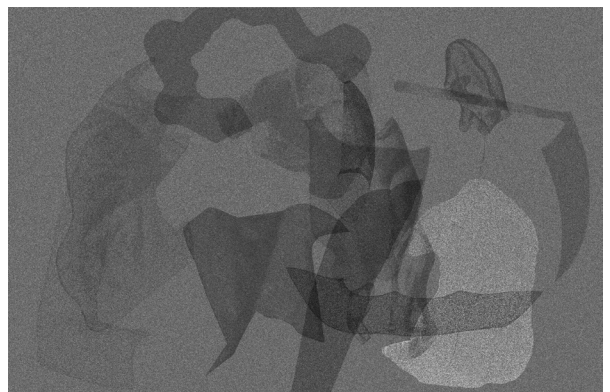
### SP\_14\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_16

O meu trabalho alimenta-se daquilo que despedaça. Depois de ter engolido os filhos, Saturno rói as unhas. E depois o coto.

### SP\_15\_B

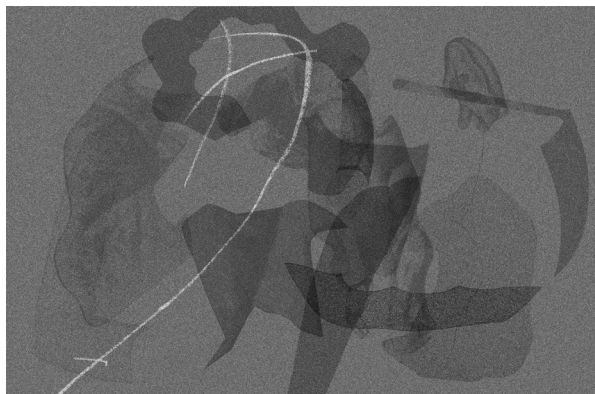


### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_17

*Debati-me diante da tua face como a fêmea do açor no seu primeiro cobrimento. Mas a tua saliva vestiu-me de branco o dentro do corpo.*

*Os meus peitos sobem ao teu bafo e o meu corpo é como o galho na Primavera quando lhe ascende o suco da terra.*

### SP\_16\_B

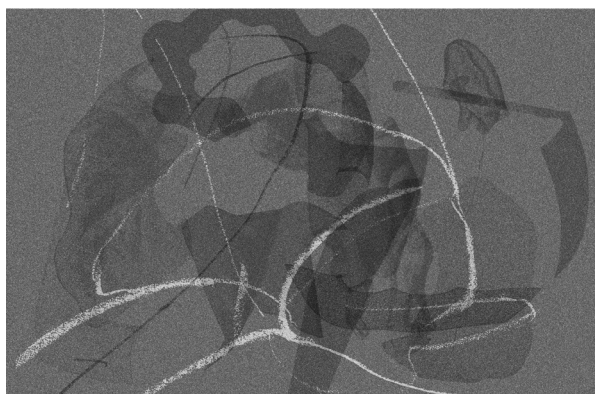


### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_18

*No negrume da tua testa no sono provei com a minha boca a maciez do lírio e do cingir-te com a minha vulva o silêncio do toiro sob as gotas da noite.*

*Deitados num mar de leite veneramos a mesma ilha de metal e osso por dentro da carne e a alma que está na polpa dos dedos e do dorso.*

### SP\_17\_B

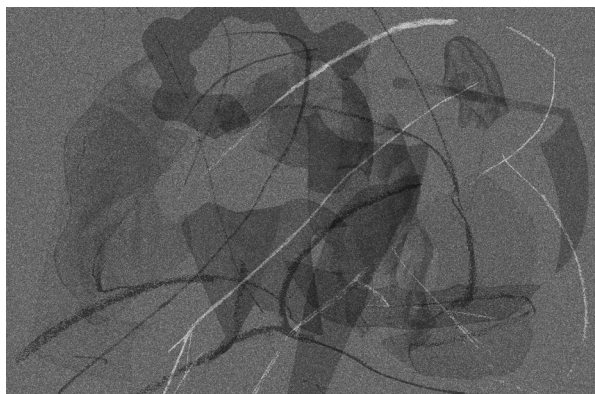


### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_19

*Porque onde tu dizes pátria e ovo e eu digo toda a terra erecta do teu falo, canoa e horto. E onde não falamos a fricção da nossa pele gera mais sóis.*

*Agarra o meu cabelo que eu te arredondo o mundo e me concitas pela tua mão aos outros continentes, mares irmãos.*

### SP\_18\_B

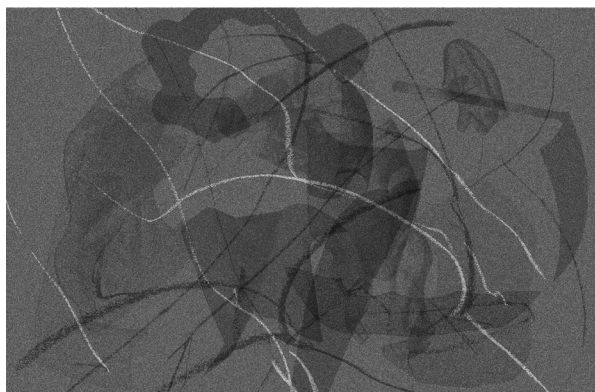


### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_20

*Meu amado de alma como uma boca certa, adorno dos meus rins sob as roupas.*

*Vestida do teu suor fui sobranceira ao medo. Mas todos os templos batidos pelos ares estão nas colunas das tuas coxas. Venerado o teu septo nasal e a pele do crânio como se foram da criança própria surge o susto – todo o amor é abolição de limites, até do próprio corpo.*

### SP\_19\_B

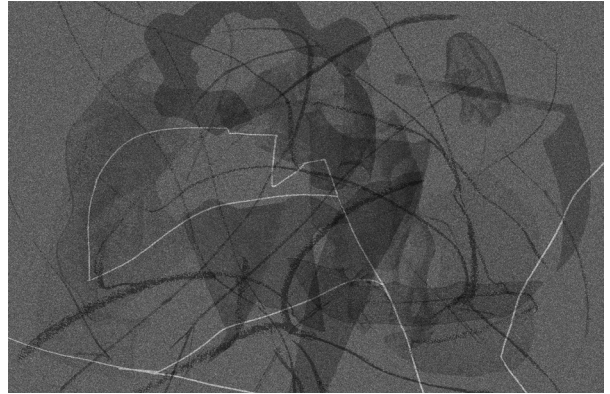


### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_21

*As nossas mãos a concha, tanger do mesmo  
músculo submerso.*

*E a tua estrofe com o seu somido de altíssimo silên-  
cio na viagem dentro do casco da ilha, o tambor  
íntimo.*

### SP\_20\_B

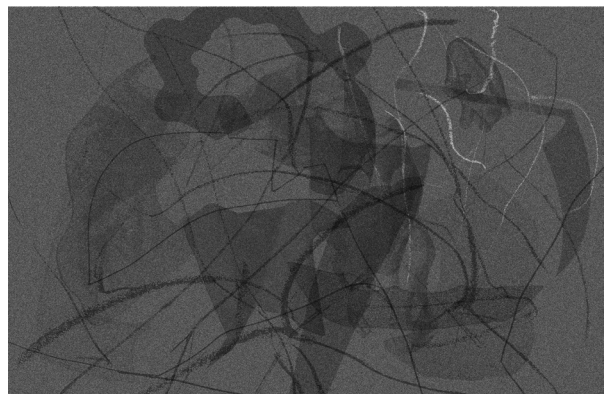


### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_22

*A tua boca sobe à minha boca como uma só língua  
de todas as línguas.*

*Comovem-me os teus quadris de guerreiro virgem.  
E as tuas mãos estão na minha garganta como um  
colar de opala e âmbar, os teus tornozelos enla-  
çados nos meus são como as asas da borboleta  
nocturna e os guizos da dança.*

### SP\_21\_B

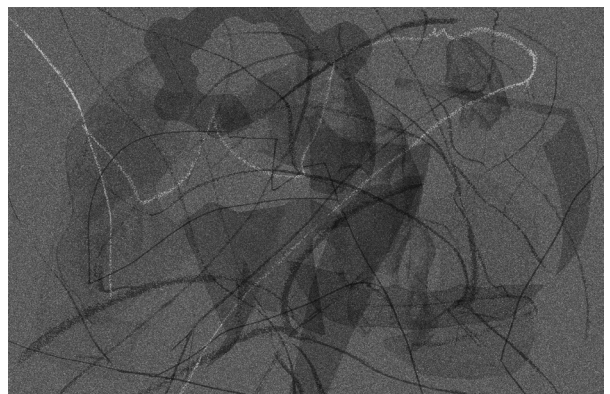


### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_23

*O sol do teu umbigo, úbere das tuas mãos, não  
resplandece mais que esse membro que entre ti e  
mim nos convoca e contempla.*

*Como uma estátua equestre no vácuo, em pura  
prata estelar, nos montamos.*

### SP\_22\_B

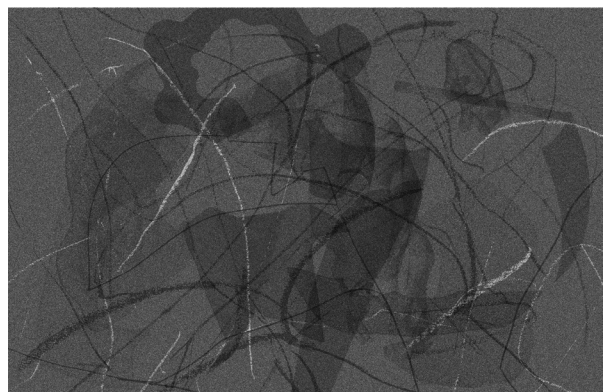


### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_24

*A tua cabeça é a rosa real, o cordeiro escuro, e as  
minhas coxas fremem à passagem do teu rebanho.*

*Nas omoplatas falta-me o vagar dos teus pulsos. O  
teu rosto sobre o meu rosto na obscuridade rasga  
estes véus entre a matéria e o ânimo.*

### SP\_23\_B

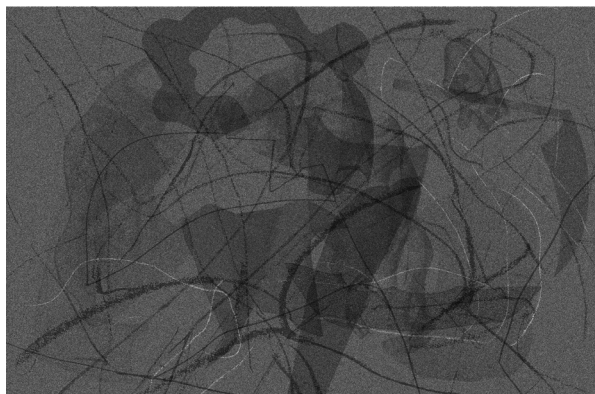


### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_25

*Moro no teu torso, perfume e falas. Conheço a tua língua e o teu vagir-me nas entranhas como uma cidade contínua.*

*Vens como um cetáceo escuro sob os gelos ao cristalino dual. Sob o fulgor dos membros, sobre o marfim dos ossos, o nervo de oiro do desejo.*

### SP\_24\_B

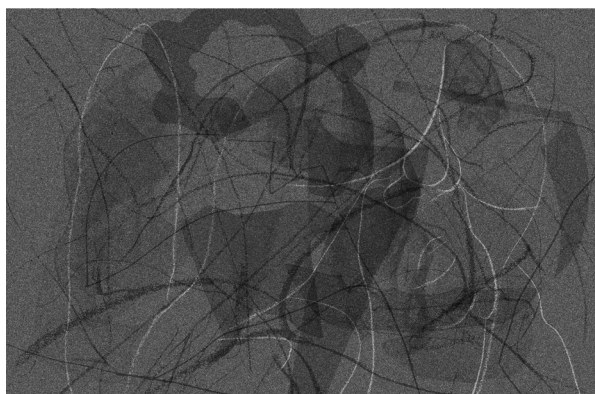


### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_26

*A tua cintura cintilante de água negra dobra, como um sino na penumbra, o canto dos meus braços.*

*Que o meu irmão me beije e se beije no meu beijo como se fôramos a flor de outra justiça.*

### SP\_25\_B

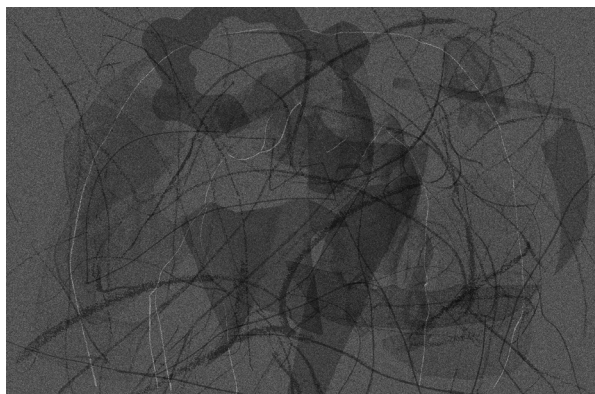


### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_27

*Rescendemos juntos o odor da safra, lavra, rede aberta, aos peixes e ao gado dos homens.*

*O teu vulto esquivo contra as arcadas da noite e do meu crâneo, o teu fonema fechado, lateral nos quadris do meu corpo que benzes e levedas, o sal dos cílios húmidos e sons. O pudor, o poder, que cedem a outra lei ou alto pão.*

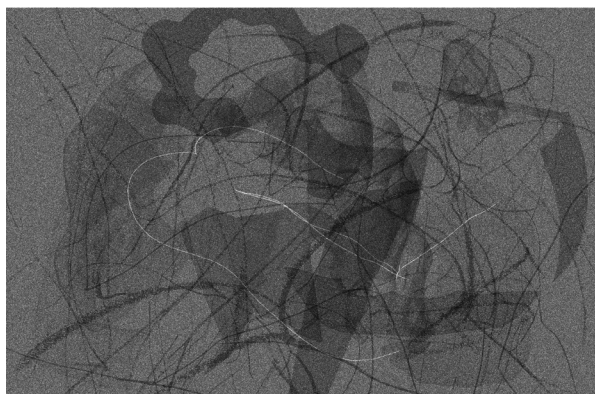
### SP\_26\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_28

*Ou olhos que se alagam uns dos outros como mel das terras reparadas, ou línguas que se afagam como raças, poldras soltas na planície dos corpos e dos povos.*

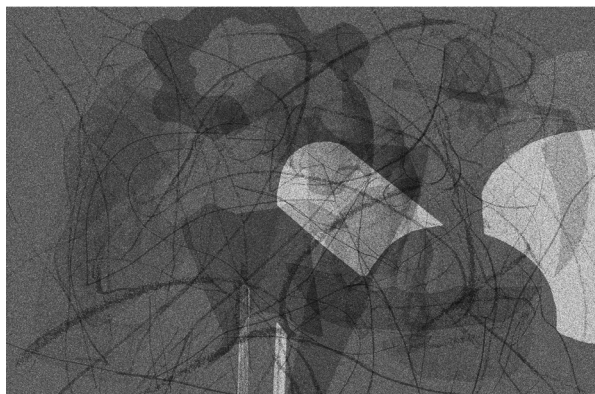
### SP\_27\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_29

Muitas vezes marquei encontro comigo próprio no ponto zero.  
Aconteceu que os eventos de Maio de 68 me surpreenderam.

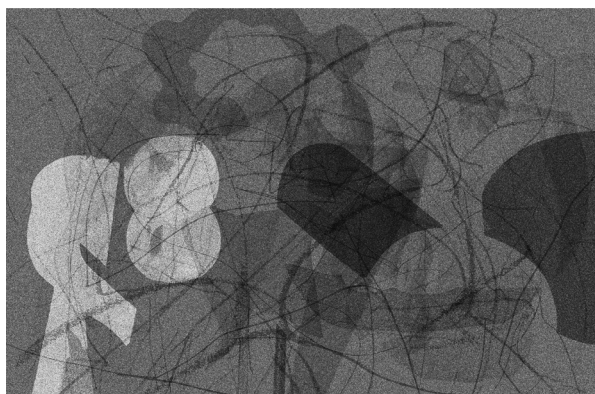
### SP\_28\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_30

O espectáculo de uma cidade que discute, que está viva, o que nunca tinha visto na vida e era inesquecível.

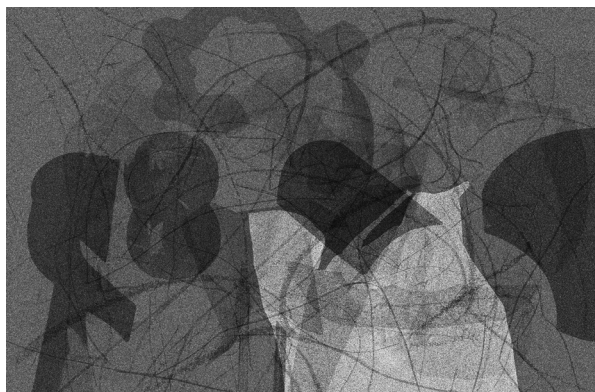
### SP\_29\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_31

Exaltação de um corpo a corpo, a alegria, o prazer.

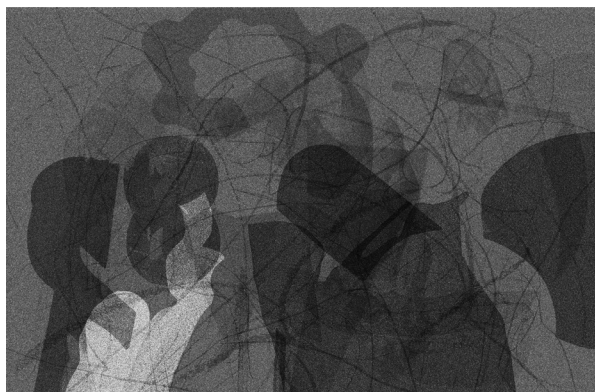
### SP\_30\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_32

Na beira do caminho jaz a pele de uma cobra:  
é inútil dizer que o que de vivo a habitou partiu  
para outro lugar.

### SP\_31\_B

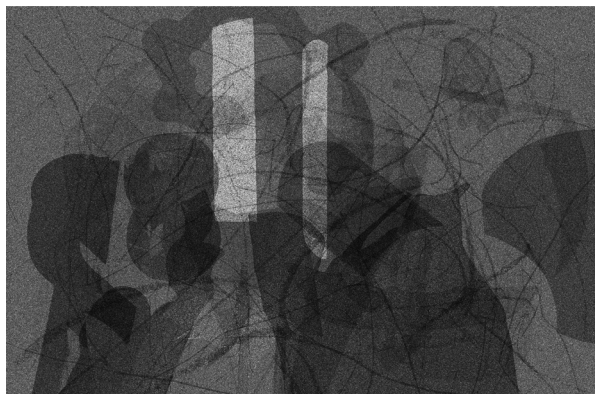




### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_33

Comecei, pois, por deixar entre parênteses a ideia de retrato, e deixei a cor para depois. Eu queria o neutro, não o andrógino. A mim próprio proibia excessos.

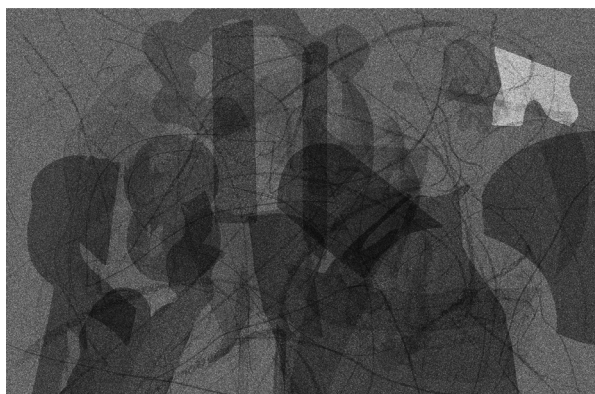
### SP\_32\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_34

Eu já não fazia explodir as minhas formas, para depois apanhar os restos e recomeçar mais ou menos a imagem inicial. Todo um trabalho em lentidão, para um olhar fetichizado, ia substituir o registo do espectáculo dinâmico.

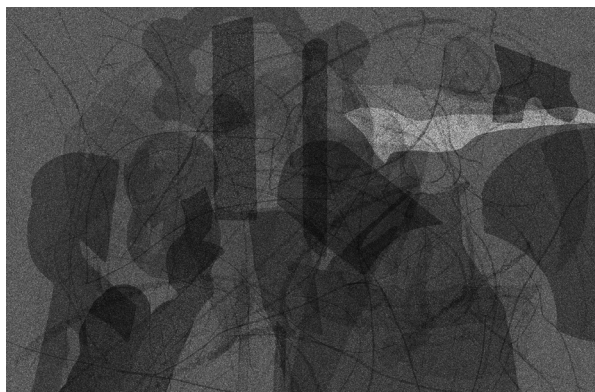
### SP\_33\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_35

Foi a progressão redutora de uma tal gramática de ocasião que conotou o falo com qualquer outra forma vertical e tornou a invaginação obrigatória à primeira concavidade ou buraco que aparecer.

### SP\_34\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_36

Aquilo a que chamamos *desejo*: onda obscura de matéria inominável (e as palavras sensatamente alinhadas desta imagem que arrisco não deveriam levar-me perdido até muito longe...).

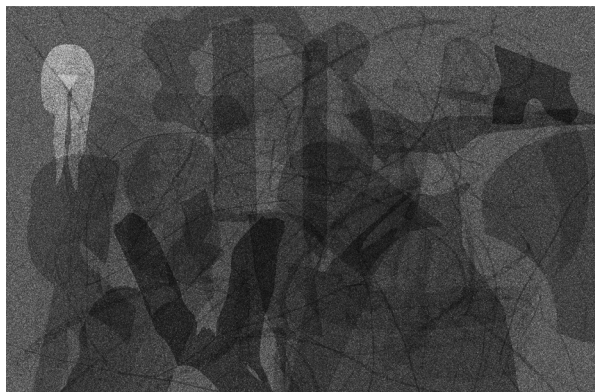
### SP\_35\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_37

Chamo verdadeiro a tudo o que revela, introduz, instala os poderes do real, o que faz brotar dessa presença a perturbação e revela a perturbação na presença, perturbação essa que é presença e sem a qual a presença se torna uma história adquirida, pilha gasta.

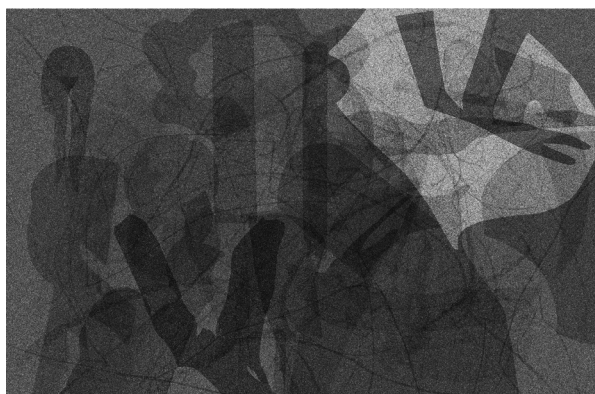
### SP\_36\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_38

A memória regista um certo olhar mais depressa do que a forma dos olhos; antes da precisão dos contornos impõe-se o aspecto do corpo, o arco da cintura, o movimento das sobrancelhas, o que passa no ar quando alguém se deita, se senta, recomeça a andar.

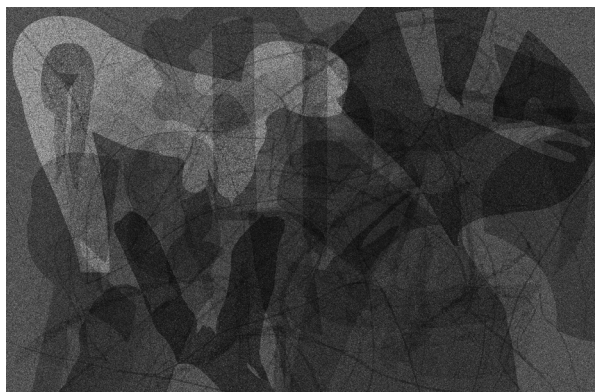
### SP\_37\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_39

O ver desperta migrantes vindos de toda a parte, até às profundezas das sedimentações da experiência, em que se produzem as cadeias de associações, trama de todo o discurso.

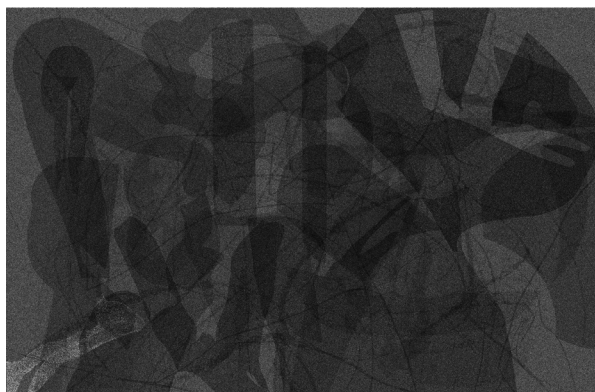
### SP\_38\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_40

Entre matéria e palavra há uma brecha onde o vivido falece, onde ao ser da obra falece a palavra; aí onde se cumprem simultaneamente a recepção da obra e o ser em trabalho.

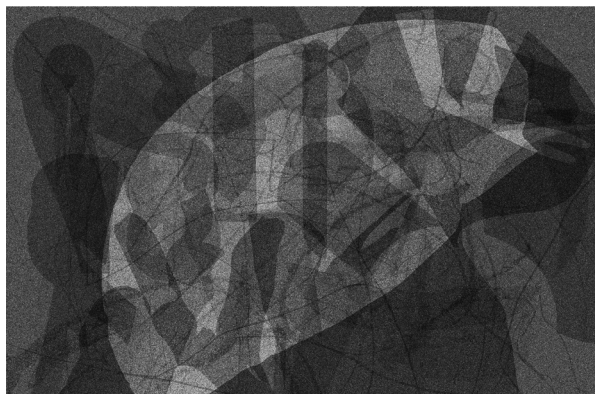
### SP\_39\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_41

Seduzir o desejo. Por seu lado, o desejo deixa-se seduzir por objectos. Palavra do vazio, cujo tema é a ausência.

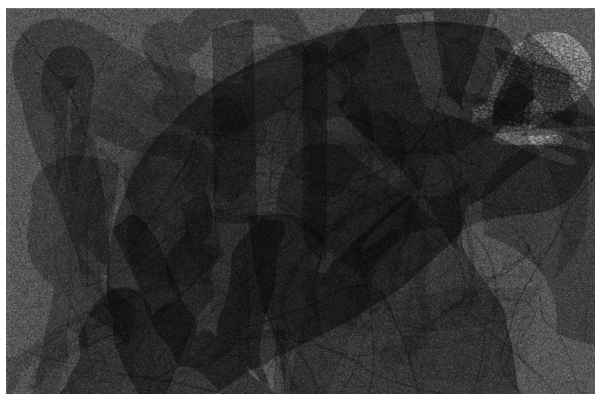
### SP\_40\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_42

A tela torna-se um *écran* de onde emergem por menores mais ou menos exactos, sinais do rosto, emblemas do corpo, ao lado de geometrias ambíguas, farsas mecânicas.

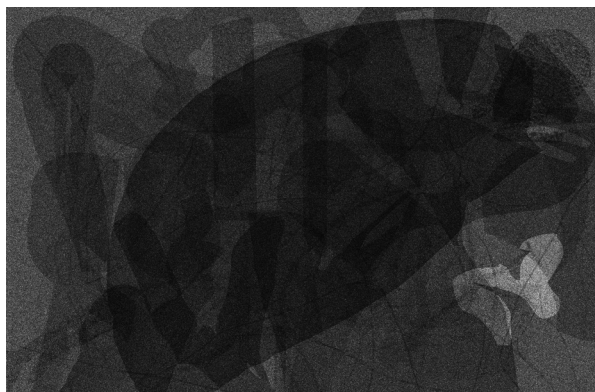
### SP\_41\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_43

Algumas pequenas personagens (serão personagens?) chegam de repente: entre um bico de seio e de sexo, caricaturam, à sua maneira de não terem pés nem cabeça, outros comportamentos, novos olvidos.

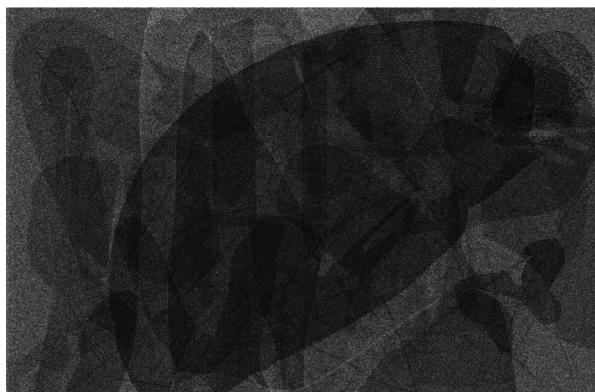
### SP\_42\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_44

As minhas maçãs são tocadas. A minha geometria é geométrica por metáfora.

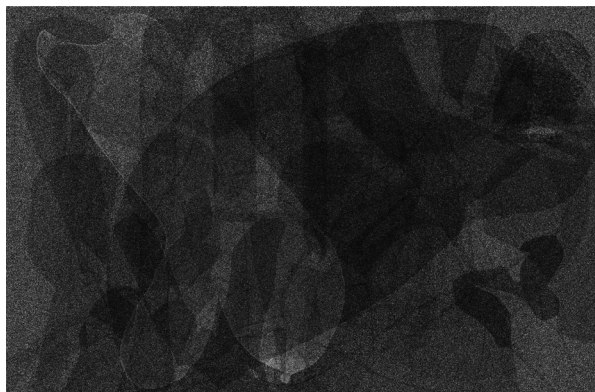
### SP\_43\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_45

A tensão das curvas que inscrevem os volumes (no estado de destroços) alimenta-se a cada passo de conjunções e de roturas.

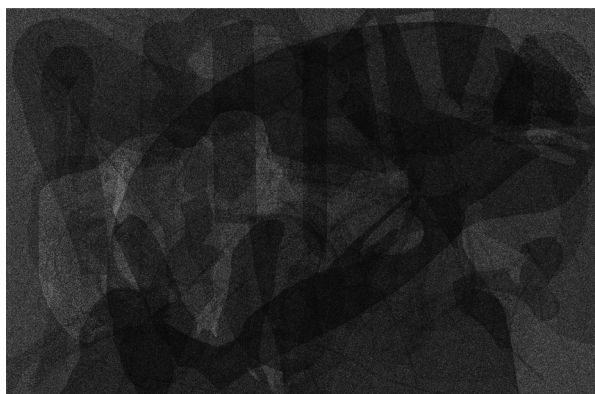
### SP\_44\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_46

Pintura que parte da coisa para se tornar pintura do vazio, do vazio como coisa.

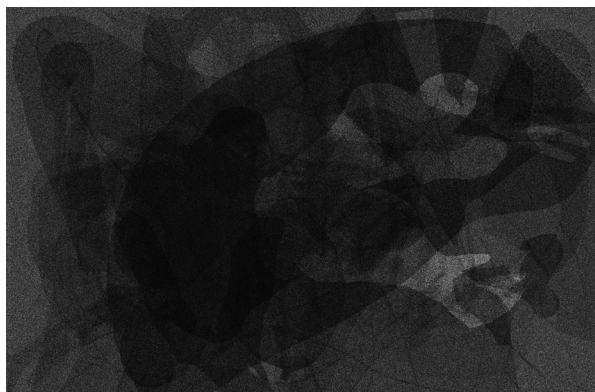
### SP\_45\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_47

A forma começou a desfazer-se e, a pouco e pouco, a figuração dissolveu-se.

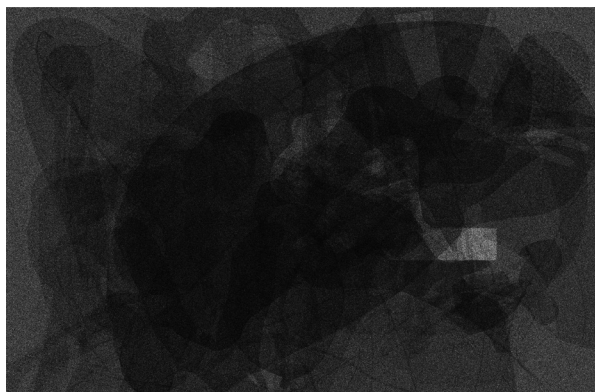
### SP\_46\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_48

Não há pintura sem narrativa.

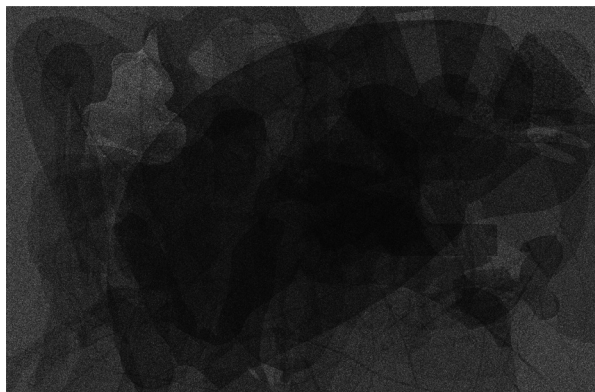
### SP\_47\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_49

“Que fazem aí esses tigres?” Dizer “esses tigres” é já um abuso ou uma precipitação, e sempre um vício de forma. Do mísero troféu saíam as cabeças numa bossa redonda, de boca e olhos bem abertos.

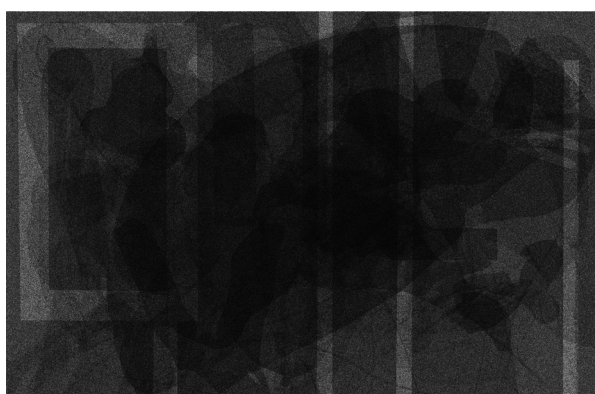
### SP\_48\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_50

Vejo neste felino a grande máquina de des-co-ser que vai desencadear inúmeras associações.

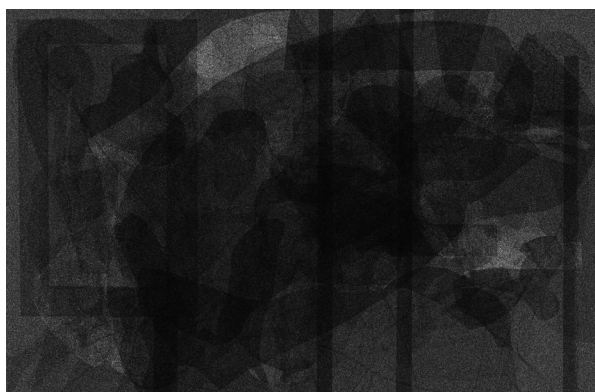
### SP\_49\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_51

O mecanismo das riscas será a premonição, a sombra, a marca ou a queimadura das grades?

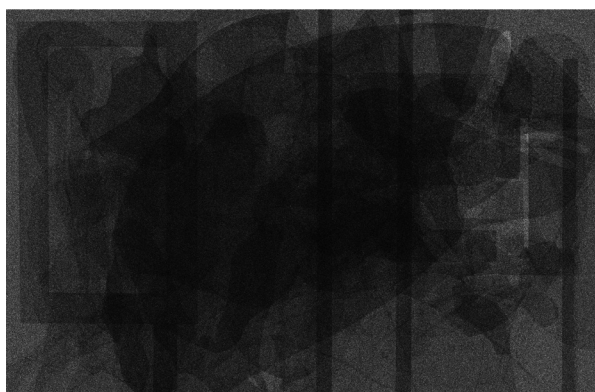
### SP\_50\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_52

Estou a pensar na carne da pintura. Ainda não há muito tempo dir-se-ia espírito da pintura: por trás das palavras está o obscuro das crenças. As palavras mágicas é que mudam.

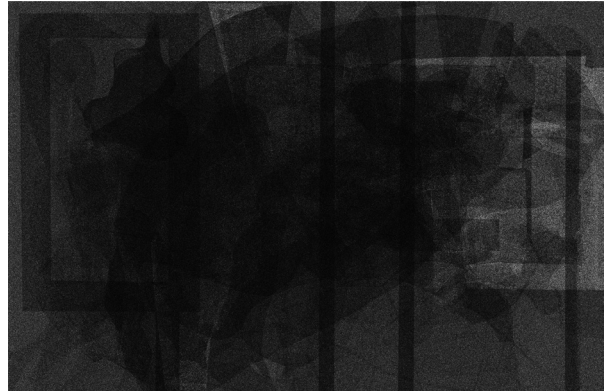
### SP\_51\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_53

O guarda-chuva, falo enluvado, tem a dignidade presa por um fio, a ponto de a metáfora ameaçar mudar-se em atestado.

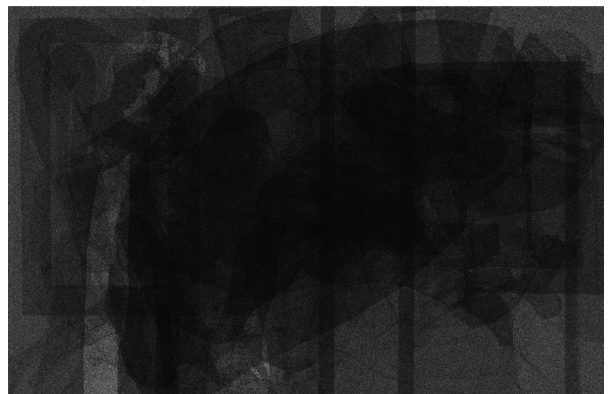
### SP\_52\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_54

Se outros atributos, dos mais sedutores da feminilidade, viessem em auxílio da minha imagem em formação, a norma estaria salva: a operação aparentava-se com as rimas de dicionário, com as metáforas mais socializadas, com os sonhos de menos feitiço.

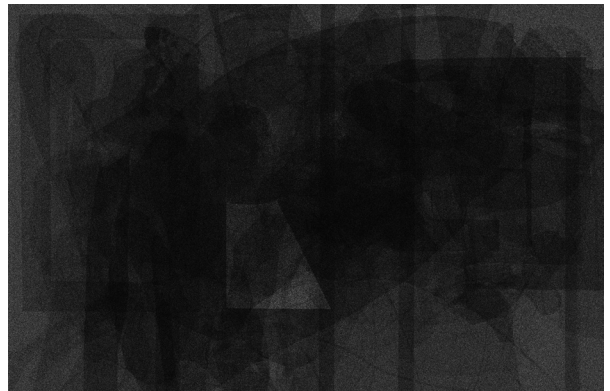
### SP\_53\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_55

O rosto não é nunca tão nitidamente figurado como os atributos do corpo.

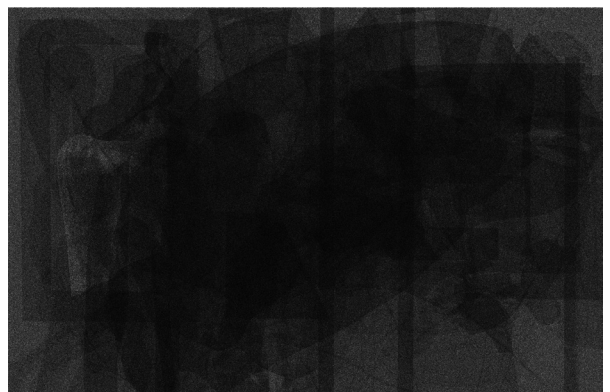
### SP\_54\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_56

Só o real é lugar de milagre.

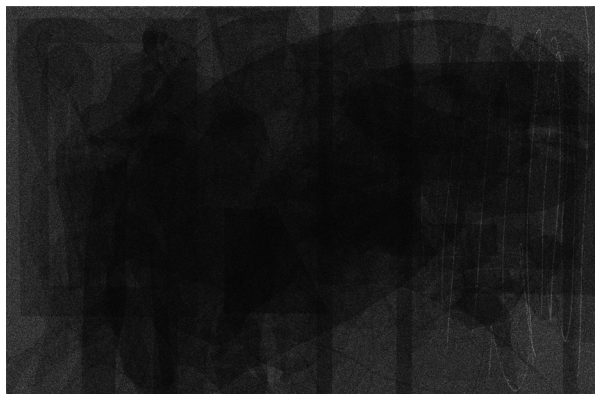
### SP\_55\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_57

Queria-me o mais possível disponível para receber as imagens que naturalmente não veria mais.

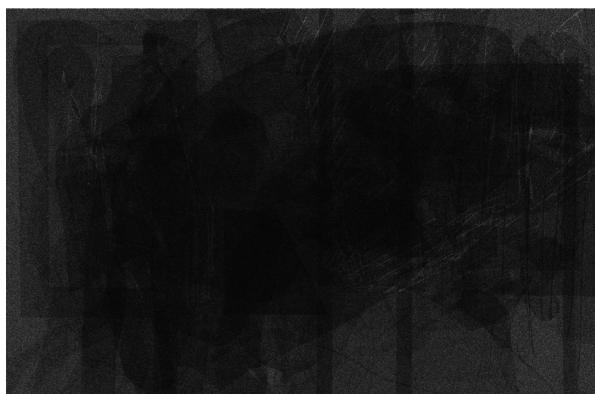
### SP\_56\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_58

Todo o peso do universo parece assentar no vazio do círculo desenhado pela aldeia, da mesma maneira que parece esmagar pelo peso do índio que dança curvado sobre o solo.

### SP\_57\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_59

A ideia de cópia ou imitação dá lugar a um desejo de integração no movimento, mais do que no seu registo. Mas esta é a eterna corrida da palavra atrás da definição do que é sentido.

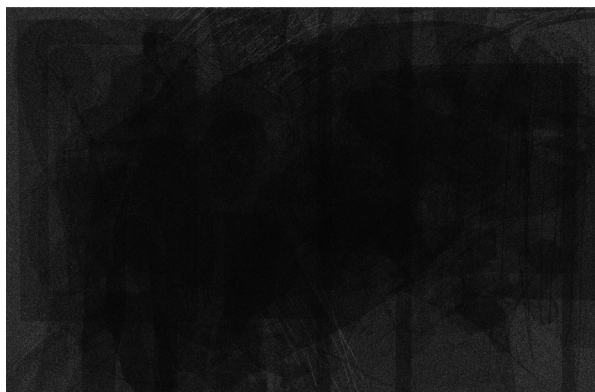
### SP\_58\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_60

Espiar tribos primitivas, não estava na exígua lista dos meus projectos.

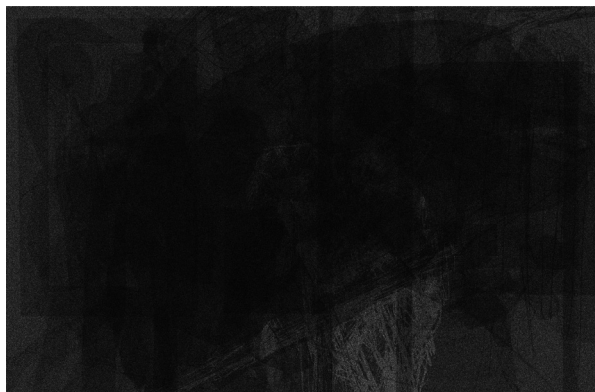
### SP\_59\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_61

Exibiam-se nas mais variadas cabriolas, tirando prazer do mover do corpo como jamais o vi fazer a bailarinos ou acrobatas.

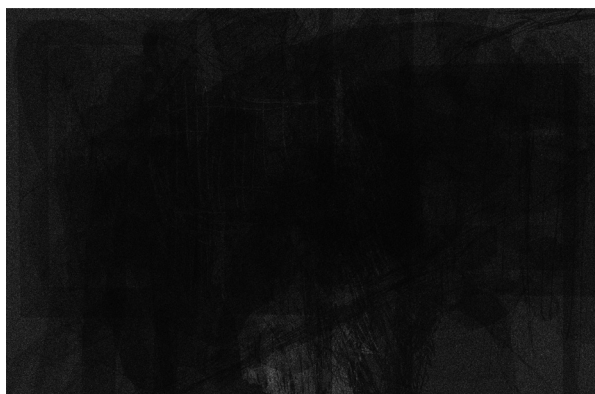
### SP\_60\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_62

Cercado de colossos cuja carne pintalgada deliciaria qualquer *fauve*! A pintura, aqui, tem por suporte a nudez. Ora inscreve a magia dos signos, ora se abandona em pinceladas preguiçosas.

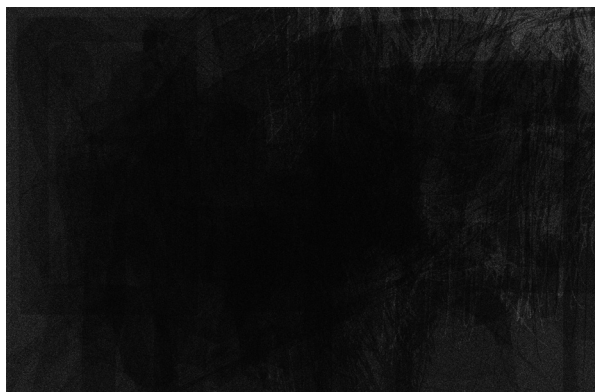
### SP\_61\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_63

As linhas finas multiplicam-se como uma sarai-vada de setas, tentando atingir um alvo móvel.

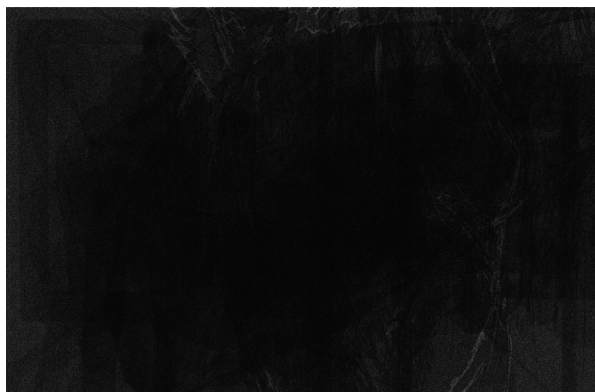
### SP\_62\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_64

Crus contrastes de cor, de matéria também, ao compasso dos corpos que acabam por se fragmentar num *puzzle* em cuja lógica os nossos olhos não atinam, meio cegos por um sol que não perdoa.

### SP\_63\_B

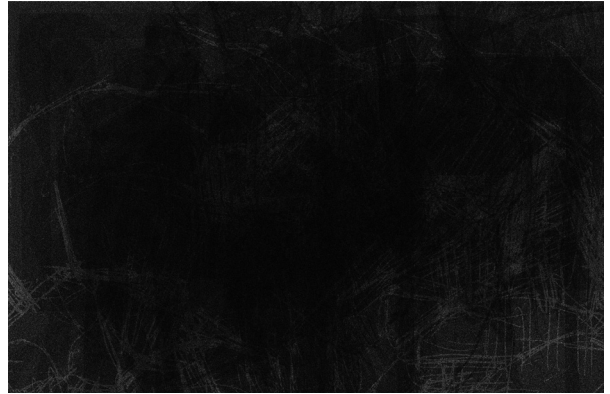




### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_65

A epiderme, coiro curtido, orna-se, ou melhor, é cortada e recortada pelo cetim das penas: verdes ácidos, amarelo solar, negros macios, azuis, brancos, vermelhos de fazer perder o fôlego aos mais finos dos pigmentos para artistas.

### SP\_64\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_66

Vermelhos gritantes (por vezes em empastes oleosos que jamais secarão!), brancos de giz, o baço do negro fuliginoso.

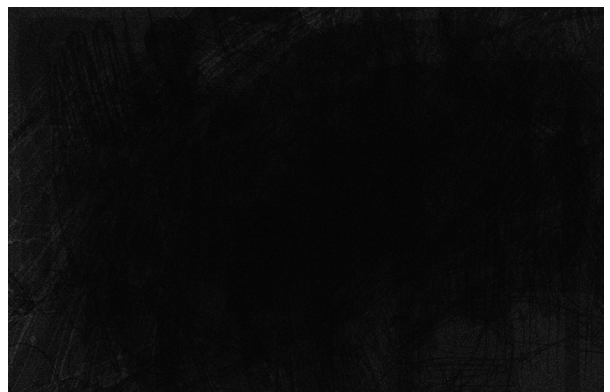
### SP\_65\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_67

O traço que apagamos armazena-se nesse entreposto que é a memória. De lá irá sair talvez, um dia, se um acontecimento imprevisto mas concreto, da ordem do pouco que o acaso traz consigo, o empurrar para a frente.

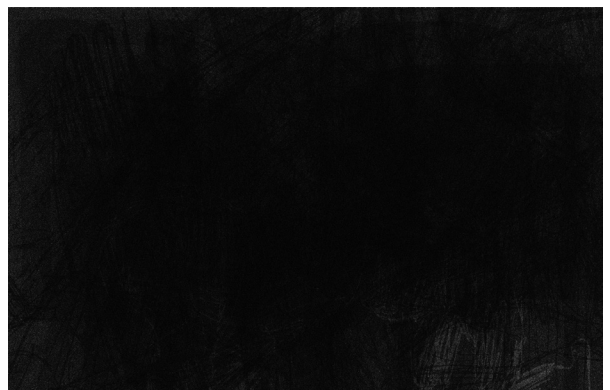
### SP\_66\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_68

Quando me vim embora chorei como uma Madalena.

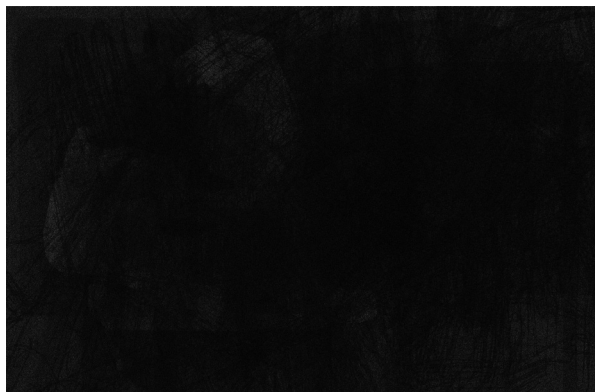
### SP\_67\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_69

*De uma coisa fazer outra é próprio da obra do mágico e também do artista que se não for capaz desta espécie de magia falha integralmente; e mais de quem, como magos e artistas, se arrisca a tentar aproximar da verdade do homem, animal por natureza esquivo.*

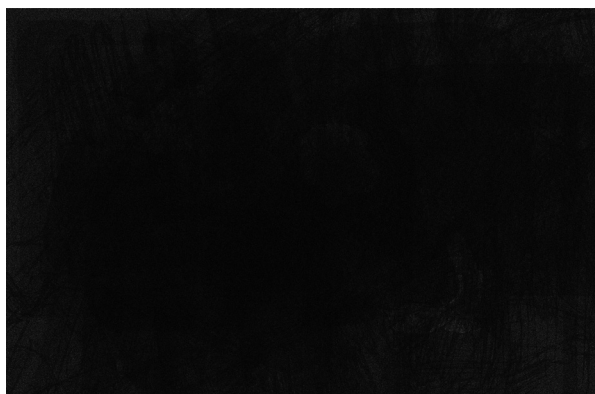
### SP\_68\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_70

Todo o *fazer* começa por ser um *querer fazer* e este *querer* serve-nos de bússola e torna-nos sensíveis ao que é susceptível de confirmação e não à insinuação da quase certeza de um calcanhar de Aquiles.

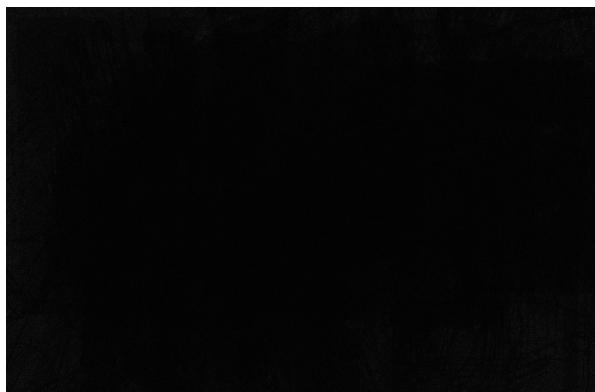
### SP\_69\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_71

Para compensar as suas carências maiores os homens inventaram deuses, semideuses, santos e míticos heróis. A este imenso arsenal cada paisano pode ir buscar o que lhe falta e completá-lo se for caso disso.

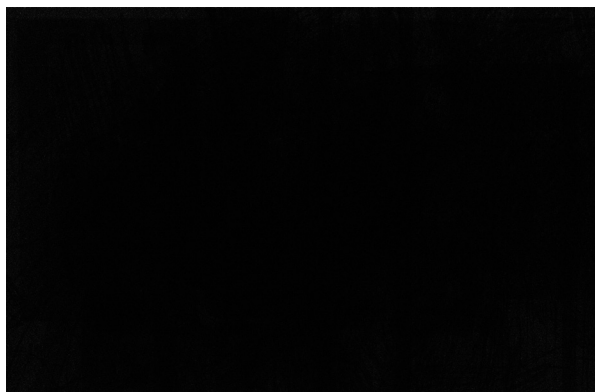
### SP\_70\_C



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_72

A gente tem cães danados dentro da cabeça. Ou mordemos o pescoço do cão danado ou o cão danado nos agarra pelo pescoço, portanto é melhor tentarmos fazer de cão, danadamente.

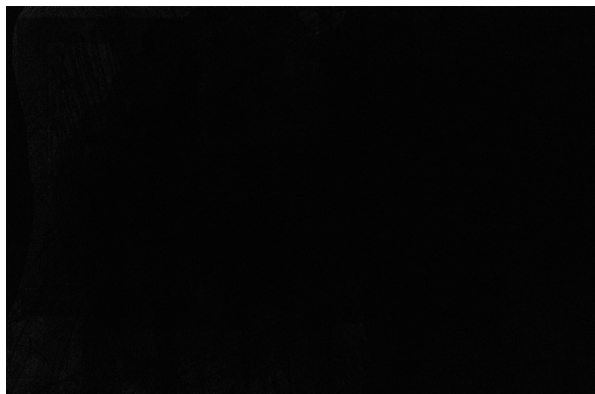
### SP\_71\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_73

O desenho é sempre uma primeira vez. A pintura é como encontrar alguém que já se conhece muito bem e com quem se fez uma festa nessa noite.

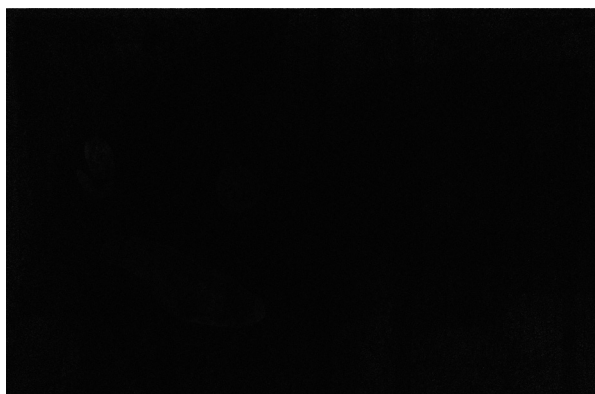
### SP\_72\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_74

Toda a precisão é uma des-figuração.

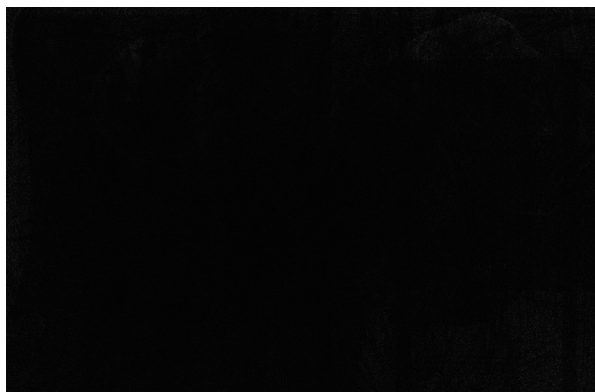
### SP\_73\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_75

O animal, que pode parecer ser apenas pretexto de exercício, seria mais tarde promovido a protagonista de farsas mais ou menos insinuadas.

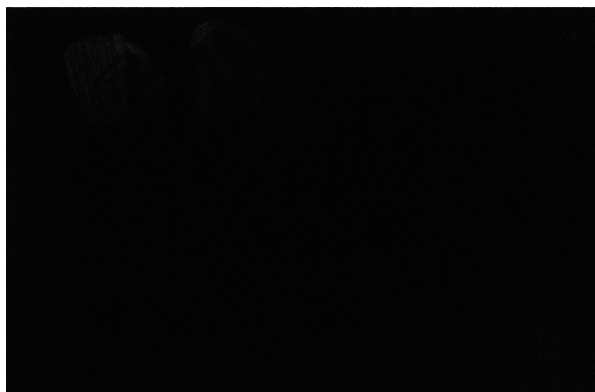
### SP\_74\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_76

A vida e a morte entrelaçam-se, são inseparáveis, impõem-nos a sua complementaridade.

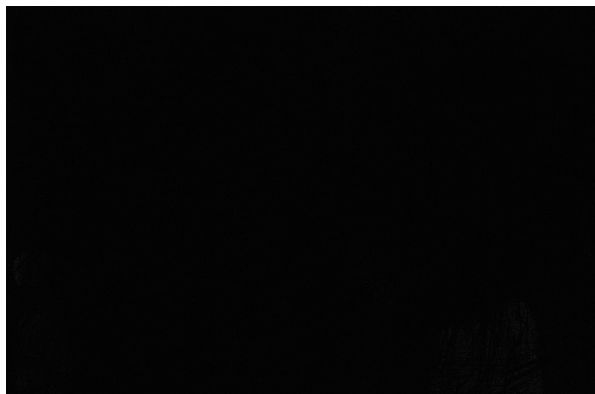
### SP\_75\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_77

O que me interessa, quando pinto, é a produção de formas, as suas interacções, a energia que libertam, as forças desencadeadas. O corpo vivo de que o quadro, resultado final, é a máscara mortuária, quase.

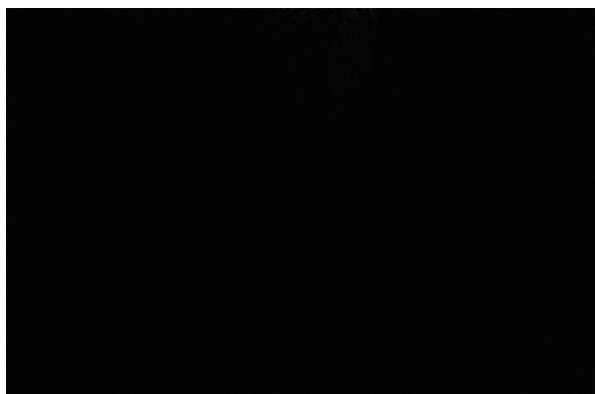
### SP\_76\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_78

O que me atrai no mito é a sua perenidade, a sua modernidade.

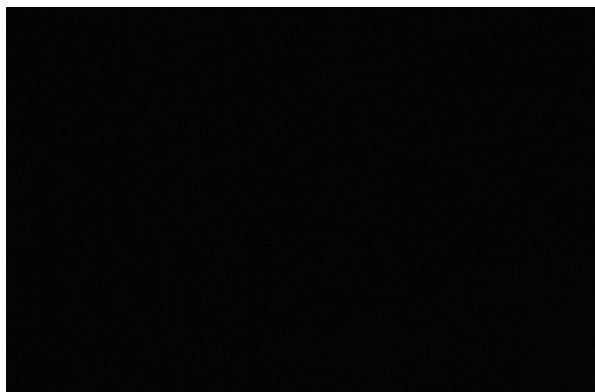
### SP\_77\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_79

Penso na morte, mas vagamente. Não sei se me engano, mas tendo a pensar que “terei sono e vou dormir”. Isto por uma razão muito simples, quando acontecer, acontece.

### SP\_78\_B



### SALOMÉ\_POMAR\_txt\_80

AUTO-RETRATO

MORTE:

Descansar, rapazes.

### SP\_80\_B

